



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

ANTONIO GABRIEL BATISTA XAVIER

PROJETO DE TCC: UMA ANÁLISE SOBRE ALAN MOORE E SUA OBRA *V DE VINGANÇA*

ACARAPE

2016

ANTONIO GABRIEL BATISTA XAVIER

UMA ANÁLISE SOBRE ALAN MOORE E SUA OBRA *V DE VINGANÇA*

ACARAPE

2016

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO
BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

UMA ANÁLISE SOBRE ALAN MOORE E SUA OBRA *V DE VINGANÇA*

ACADÊMICO: ANTONIO GABRIEL BATISTA XAVIER

ORIENTADOR: PROF. DR. RONALD APOLINÁRIO DE LIRA

Projeto apresentado para a obtenção de grau
como Bacharel em Humanidades.

ACARAPE

2016

APRESENTAÇÃO

O projeto de TCC intitulado *Uma análise sobre Alan Moore e sua obra V de Vingança* tem como objetivo principal analisar a figura icônica do escritor britânico Alan Moore, não necessariamente falando da vida do autor perpassando todas as etapas de sua vida, o que se procura abordar e analisar são pontos importantes a serem percebidos em suas obras – que não são poucas, e tentar depois desse exercício, mostrar que Moore não é simplesmente um escritor de quadrinhos, e sim um homem de posições políticas que são demonstradas em suas obras, e porque não um intelectual pensante de sua época. Millidge afirma:

Moore é um gênio subversivo independente que identifica os elementos essenciais do gênero com o qual está trabalhando e os despedaça, antes de reconstruí-los de acordo com suas próprias regras, um ferreiro das palavras, altamente ambicioso, com imaginação e inventividade colaborativas e, aparentemente, infinitas. (GARY MILLIDGE,2011).

Adiante, tentar-se-á destrinchar e se debruçar sobre uma de suas principais obras, *V de Vingança*, mostrando seus principais debates, acerca de diversos assuntos de cunho social e político, não se prendendo aos anos 80, mas tentando entender como tais problemáticas eram vistas na época. Como nos diz Kruger:

Compreendemos que, no decorrer da narrativa da obra *V for Vendetta*, a qual, sem sombra de dúvida, demandou uma pesquisa histórica e leitura crítica de seu tempo por parte de seus idealizadores, podemos vislumbrar uma série de aspectos da realidade da década de 1980, tanto em nível nacional, quanto internacional, visto que, conforme vimos, no enredo da própria história, a narrativa contextual remete a metáforas da realidade pela qual passava a Inglaterra da década de 1980. (KRUGER,2014).

É pertinente no trabalho que se segue, deixar claro algumas ressalvas importantes, para que não haja uma má interpretação da pesquisa. O objetivo ao analisarmos o escritor de quadrinhos Alan Moore não necessariamente será uma biografia do autor, não falaremos de sua vida sequencialmente, teremos rupturas históricas a partir do que

se considerará mais pertinente historicamente. A seguir falaremos um pouco sobre a origem dos quadrinhos.

ORIGEM DOS QUADRINHOS

O histórico das histórias em quadrinhos é grande, e algumas vezes adversa, pois a sua origem é assunto de debates intensos entre os entendidos, há quem diga que a origem dos quadrinhos esta na pré-história, nas pinturas rupestres, outros falam do Egito antigo, ou mesmo com a invenção da imprensa e os folhetins do período da revolução francesa ou mesmo do período imperial inglês, basicamente onde se desenvolveu uma forma de contar uma história por meio de imagens.

Há quem diga que os precursores são o suíço Rudolph Töpffer, o alemão Wilhelm Bush, o francês Georges Colomb. Alguns consideram como a primeira história em quadrinhos a criação de Richard Fenton Outcalt, *The Yellow Kid* em 1896. Outcalt essencialmente sintetizou o que tinha sido feito antes dele e introduziu um novo elemento: o balão. Este é o local onde se põe as falas das personagens (JARCEN,2007). Seja qual a for sua real origem, e o objetivo aqui não é se debruçar sobre isso, porém, se considera pertinente fazer um levantamento histórico de como surgiu os quadrinhos a nível mundo.

ORIGEM DOS QUADRINHOS NO BRASIL

As narrativas gráficas sequenciais, conhecidas no Brasil como histórias em quadrinhos debutaram nos jornais impressos a partir do século XVIII, incorporando elementos do humor gráfico (caricaturas e charges), as tiras de quadrinhos por sua vez, consolidaram-se na virada do século XIX para o XX, impulsionando a venda de jornais, especialmente nos centros urbanos (CUNHA, 2010). A primeira história publicada no Brasil foi pelo autor italiano, radicado brasileiro, Angelo Agostini, segundo Maringoni:

"Ele era uma espécie de repórter visual. Desenhava os acontecimentos da semana e do cotidiano. E foi nesse cenário de cronista visual que ele começou a desenhar histórias em quadrinhos." (MARINGONI, 2014).

Segundo Piva, a função dos quadrinhos era fazer com que as crianças quisessem que os pais comprassem o jornal pelas tirinhas, ou seja, aumentar as vendas (PIVA, 2013).

ALAN MOORE: VIDA E OBRA

A partir de agora, pretende-se fazer um levantamento da vida e obra do escritor britânico Alan Moore. O escritor nasceu em 1953, na cidade de Northampton, Inglaterra, onde reside até hoje.

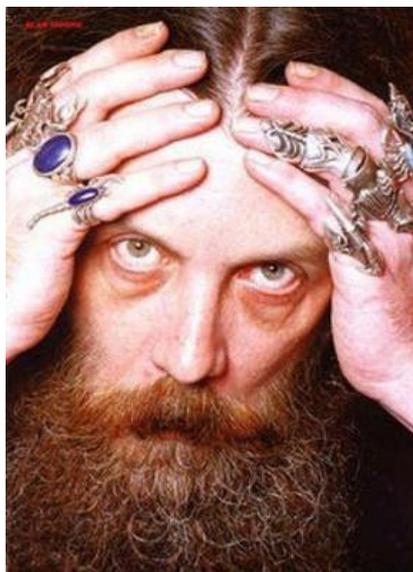


Foto: <http://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2016/09/09/noticias-artes-e-livros,183985/alan-moore-anuncia-que-ira-se-aposentar-dos-quadrinhos.shtml>

Northampton era segundo o autor “onde acabavam as famílias rurais que eram contratadas nas cidades para trabalhar com correrias de transmissão na revolução industrial”. (The Mindscape of Alan Moore, 2003).

Nascido em uma família de classe trabalhadora desprivilegiada, o trabalho de Moore o levou à guarnição da classe literária e comunidade artística, mas seu desprezo pelo consumismo e capitalismo, em particular pelos excessos de Hollywood, só se intensificou ao longo dos anos (MILLIDGE, 2011).

É notório que Moore é um anarquista comprometido – veremos mais detalhadamente suas aspirações anárquicas em *V de Vingança*, que acredita ser a anarquia o ponto em que uma pessoa assume o controle da própria vida. Essa aspiração anárquica de Alan vem do russo Piotr Kropotkin (MILLIDGE, 2011), não se pretende aqui falar sobre as teorias que abarcam o conceito de anarquia, porém apenas dizer as aspirações do escritor – de onde elas vieram.

INÍCIO DOS QUADRINHOS

As primeiras contribuições de Alan Moore são textos e histórias publicados em fanzines e revistas locais mesmo, como Anon, Back Street Bugle e Dark Star e posteriormente escreveu também Roscow Moscow para a revista Sounds nos anos 80. Escreveu também a tirinha Maxwell The Magic Cat, que inicialmente era pra divertir as crianças, porém Alan coloca críticas e depois a série é cancelada.

COLABORAÇÕES NAS PUBLICAÇÕES INGLESAS

Alan Moore tem uma participação interessante localmente em relação aos seus escritos, contribui bastante para a veiculação de histórias na revista 2000AD como por exemplo, A Holiday in Hell, The killer in the cab, The dating game, posteriormente se destacando em A Balada de Halo Jones tendo como início o conceito de distopia, digamos assim, já que o escritor elabora uma Inglaterra futurista, tendo em vista o desemprego como discussão social, escreve também histórias como Eagle, Doctor Who Weekly e Scream. Porém, Alan Moore só começou mesmo a brilhar de verdade quando ele passou a colaborar para a revista Warrior¹, na qual ele teve a possibilidade de exercer um nível de liberdade criativa que lhe havia sido negado anteriormente. No primeiro número dessa publicação, em março de 1982, aparecem dois de seus mais conhecidos trabalhos, Marvelman (posteriormente rebatizado como Miracleman, devido a questões de direito autoral) e V de Vingança.

¹ Lançada no Reino Unido entre Março de 1982 e Janeiro de 1985, tendo como publicações arrebatadoras, Marvelman (Miracleman) e V de Vingança.

SUA ENTRADA NA INDÚSTRIA NORTE-AMERICANA

Posteriormente, Moore recebe a oportunidade de trabalhar para a indústria norte-americana de HQs, o escritor iniciou sua atuação com o personagem O Monstro do Pântano (The Swamp Thing), da DC Comics, aos poucos revolucionando a criação original de Len Wein e Berni Wrightson e fazendo com que, durante os três anos em que esteve à frente do personagem, sua revista atingisse um grau de popularidade e aceitação que jamais havia alcançado, consubstanciado nos vários prêmios que recebeu nesse período e pelo aumento de vendas, que subiu de 17 para mais de 100 mil exemplares por mês, tornando-se um dos mais bem vendidos títulos da editora à época; além disso, durante esse período, ele criou um de seus personagens mais populares, o enigmático John Constantine, que posteriormente seria merecedor de um título próprio na editora, pelo selo Vertigo².



Figura 1 – O monstro do Pântano e a preservação ambiental. Fonte: Capa da edição N° 24, Maio de 1982.

² Lançado em 1993, Vertigo é um selo da editora de quadrinhos DC Comics, diferenciando-se do restante do conteúdo publicado por ela por trazer histórias com temática mais adulta. Seus quadrinhos lidam com temas como bruxaria, nudez, violência, uso de drogas e outras coisas, e até hoje é marcado por bons autores e boas histórias. Algumas de suas séries mais famosas, por exemplo, foram Sandman, Preacher e Hellblazer.

Após a decolagem de seu trabalho em *O Monstro do Pântano*, a estrela de Alan Moore não parou mais de subir, como evidencia a breve, resumida e com certeza incompleta relação abaixo:

De setembro de 1986 a outubro de 1987 concebeu a série em 12 partes intitulada *Watchmen*, um verdadeiro divisor de águas na história dos quadrinhos de super-heróis norte-americanos com arte de Dave Gibbons.

Em 1988 ele elaborou para a DC Comics uma das melhores histórias do Batman já produzidas, a aclamada e hoje mundialmente conhecida *A Piada Mortal* ("The Killing Joke"), com arte de Brian Bolland, em que o Coringa aprisiona o Comissário Gordon e aleija Bárbara Gordon, a Batmoça, revolucionando a série do Cruzado de Capa no alvorecer de seu sexagésimo aniversário.

No início dos anos 1990, tendo abandonado as grandes editoras, Moore se enveredou por vários projetos independentes, grande parte deles inconclusos. Foram esses os casos de *Brought to Light*, em parceria com Bill Sienkiewicz³, cuja distribuição foi recusada pela cadeia de livrarias WH Smith, da Inglaterra. Na série, ele se propunha a expor as ações da CIA (agência de contra-espionagem norte-americana) durante o século XX; *Big Numbers*, projetado para 12 números também em parceria com Bill Sienkiewicz, mas que só teve dois capítulos publicados; *Lost Girls*, com desenhos de Melinda Gebbie, cujos primeiros seis números foram publicados na revista *Taboo*, entre 1991 e 1992, com o sétimo só aparecendo 4 anos depois, em 1996, totalizando apenas 56 páginas das 240 originalmente projetadas. Já *A Small Killing*, história publicada na Inglaterra por Victor Gollancz, em 1991, e em 1993 pela Editora Dark Horse, nos Estados Unidos, teve como parceiro artístico o argentino Oscar Zárate, e recebeu em 1994 o prêmio Eisner de melhor *graphic novel* do ano anterior.

Do Inferno (From Hell) começou a ser elaborado por Moore em 1988, demorando uma década para ser completado. Nesse livro, aclamado como uma de suas melhores obras, ele apresenta na linguagem da Nona Arte uma detalhada investigação sobre os assassinatos de Jack, o Estripador, na Inglaterra vitoriana. Desenhos e arte final são do

³ Boleslav William Felix Robert "Bill Sienkiewicz é um artista e escritor americano vencedor do Prêmio Eisner, conhecido por seus trabalhos nos quadrinhos, principalmente pelos títulos da Marvel Comics *Novos Mutantes* e *Elektra: Assassina*.

escocês Eddie Campbell. Em 2002 foi feita uma adaptação cinematográfica da HQ dirigida pelos irmãos Hughes⁴, sendo estrelado pelo ator Johnny Depp⁵

A partir de 1999, após anos de colaboração com várias editoras e estúdios menores, como Image Comics e Wildstorm, Moore recebeu de Jim Lee a oferta de publicar suas histórias sob um selo próprio, que o britânico batizou de America's Best Comics (ABC). Neste espaço, ele publicou suas principais obras a partir de então. Assim, sob esse selo foram publicados os dois volumes de A Liga Extraordinária (The League of Extraordinary Gentleman), em que um grupo de heróis da literatura é reunido para enfrentar uma ameaça global, que em 2003 virou uma adaptação cinematográfica dirigido por Stephen Norrington⁶; Tom Strong, paródia de Superman; Top Ten, uma intrigante viagem da imaginação sobre uma cidade em que todos os habitantes possuem superpoderes; o título Tomorrow Stories, composto por quatro séries diferentes (Greyshirt, Cobweb, The First American e Jack B. Quick); e Promethea, uma série que mescla magia com elementos mitológicos.

⁴ Ambos são diretores, produtores e roteiristas.

⁵ John "Johnny" Christopher Depp é um ator, músico, produtor de cinema e diretor americano.

⁶ Diretor de filmes britânico, por exemplo, Death Machine, Blade e The League Extraordinary Gentleman.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO

O objeto de pesquisa do trabalho/projeto *Uma análise sobre Alan Moore e sua obra V de Vingança*, é, a história em quadrinhos V de Vingança do autor Alan Moore. Posteriormente construiremos uma iconografia mostrando assim sua repercussão no mundo e no Brasil, e, sua relação com movimentos anárquicos e sociais.



Fonte: Alan Moore no Festival Internacional do Livro de Edimburgo, 2010, por Murdo Macleod / The Guardian.

V de Vingança ⁷(no original, V for Vendetta), foi publicada inicialmente entre 1982 e 1983 em preto e branco pela editora britânica Warrior, mas não chegou a ser finalizado. Posteriormente, em 1988, a DC Comics incentivou Alan Moore, o roteirista, e David Lloyd, desenhista, a reiniciar e finalizar a série, dessa vez com uma edição colorida, republicada nos EUA pelo selo Vertigo, em 12 edições, e no Brasil em 1989, em cinco edições, pela Editora Globo, tornando-se uma das primeiras *Graphic Novels* de sucesso. Aqui no Brasil só foi publicada pela primeira vez no Brasil pela Editora Globo durante o ano de 1989, período em que essa editora fez uma breve incursão no campo dos chamados “quadrinhos adultos”, foi publicada no formato de uma minissérie em cinco edições com 64 páginas coloridas, cada número publicado em português

⁷ A obra estudada para o projeto será a de publicação pela Panini, no ano de 2012.

trazendo dois números da edição norte-americana, que teve dez fascículos. Em relação ao conceito de Graphic Novel, tal conceito foi cunhado por Will Eisner porque este pensava que a denominação *comics*, termo pejorativo que englobava qualquer produção de quadrinhos da época, não dava mais conta de descrever o trabalho que ele vinha fazendo, que tratava de temas sérios e complexos, além de nada jocosos.

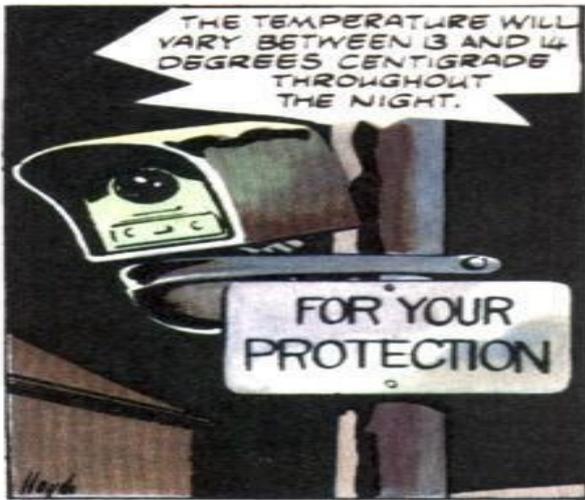
A história de V de Vingança se passa em uma espécie de futuro distópico, em 1997, período antecedido por um caos generalizado, no qual um governo totalitário ascende ao poder na Inglaterra após uma guerra nuclear. Uma Inglaterra decadente resultante da descrença do povo diante a um governo trabalhista que propunha uma reforma social e do bombardeio nuclear proporcionado pelos Estados Unidos sob a Rússia, que afetara diretamente a economia inglesa, matando pessoas e mantendo a terra infértil, sendo assim um dos princípios para os autores iniciarem a exposição de sua visão crítica por sobre a realidade vivida. Destarte, a HQ mostra a destruição parcial do mundo e a implantação de um poder totalitário como solução da crise gerada. A história se inicia após o fim dos conflitos políticos, com o governo totalitário já estabelecido e com a população acostumada com a situação. Há uma polícia secreta e campos de concentração para minorias raciais e sexuais. E a discussão sobre minorias na HQ é de suma importância por se tratar de um extermínio de tais minorias, como por exemplo, o mito que se cria no quadrinho é que as pessoas poderiam andar mais tranquilamente nas ruas quando os “mal-elementos” fossem caçados e, por que não, exterminados mesmo, extinção total. Aos poucos a caça aos “criminosos” acaba dando vazão a um massacre dos mesmo, desse modo, foram delimitados os grupos de risco, dentre eles os pobres, os imigrantes ilegais e o negros e em seguida os homossexuais e todos aqueles que ofendiam os valores morais da sociedade de “bem”. Paralelo a isso, vemos como facilmente a massa se deixa alienar-se, a população não julgava mais, não enxergava mais, pois por outro lado empregos eram criados, a nação se reerguia, a liberdade e a justiça se estabeleciam e ninguém mais questionava e tão pouco criticava, pois os oficiais do governo calaram os filósofos e os homens de pensamentos livres, o povo já havia se integrado (entregado) ao novo sistema, vemos essa problemática na foto a seguir:

individualismo, mas que se esquece do indivíduo como tal, apenas usando-o em benefício do mercado e da economia, e conseqüentemente, do próprio Estado e poder político. Depois dessa contextualização da obra, Millidge nos traz uma curiosidade um tanto pertinente:

V de Vingança foi criado em 1981, dois anos após Margareth Thatcher chegar ao poder. A economia da Inglaterra estava sofrendo sua pior crise em cinquenta anos. “Ao mesmo tempo, tínhamos elementos de fascismo começando a se fazer prevaletentes nas ruas da Inglaterra com o surgimento da Frente Nacional e, no geral, as coisas estavam parecendo extremamente sombrias”. V de Vingança era um tratado sobre os perigos daquele “assustador fascismo”, disfarçado nas aventuras de um vigilante mascarado fanfarrão, um pesadelo orwelliano com um herói filosófico e subversivo que lutava sozinho contra um regime fascista no futuro (então distante) de 1997. (MILLIDGE, 2011).

O personagem “V” busca na anarquia a solução para a fictícia Inglaterra de Moore, destruindo seus ícones e suas estruturas representativas de um poder autoritário para que dos destroços possa ser erguido um mundo melhor. Expondo a fragilidade de um governo opressor ele oferece à ideia de símbolo, rememorando o homem de que este não deve ser tratado como um animal.

A radical posição do vigilante que, descrente na justiça e na liberdade proposta pelo sistema vigente, encontra na total destruição da estrutura governamental juntamente com seus representantes a forma de despertar a população para a realidade, dá razão ao título que ostenta a “vingança” como tema principal. Tal vingança não cai apenas sobre os líderes governamentais, mas por sobre a própria população, pois “V” relembra claramente a responsabilidade do povo em outorgar seu poder de decisões. Por exemplo, as placas nas câmeras de segurança que vigiam os transeuntes diariamente invadindo sua privacidade – verá na imagem a seguir, o povo ofereceu seu poder para o governo que lhes garantisse “segurança” e controle.



Para sua proteção - Fonte: *V for Vendetta* - edição 01, p. 11.

Destarte, o sistema é exatamente o que o povo deseja, é a dominação do homem sobre o homem por vontade do próprio homem.

Por fim, Alan Moore acaba por alertar os leitores que leram ou lerão *V de Vingança*, sobre a importância de se manter um discernimento crítico, alertando o homem do perigo que este corre ao se perder em seu caminhar deixando de lutar por seus valores e por suas crenças, afastando-se de sua individualidade e cedendo espaço a um errôneo ideal de sociedade onde uma suposta liberdade é defendida em paralelo à massificação. Fica clara a necessidade de se manter acesa a chama crítica em membro das mais diversas sociedades, o homem às vezes acaba por esquecer que nele mora a força que o faz superior a qualquer sistema, estado ou governo.

JUSTIFICATIVA/PROBLEMÁTICA

Antes de entrarmos propriamente numa justificativa para tal projeto, falaremos sobre a importância de se fazer pesquisa com história em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos definitivamente estão expandindo seu campo no que diz respeito a pesquisas acadêmicas, se constituindo assim como fonte ou objeto histórico. D'assunção Barros diz que:

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. Neste sentido, são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o Presente do historiador. (BARROS, 2011).

Depois dessa explicação do que é fonte histórica, Cunha nos fala:

O historiador pode utilizar as HQs como fonte documental, pois estas são pertencentes a um determinado momento histórico, tornando-o, deste modo, um documento a ser analisado pelo historiador, já que neste contém dados em seu enredo que fazem parte do que se viveu no período em questão, isto é, as HQs possuem, em suas páginas, características socioculturais da sociedade que a produziu (CUNHA, 2010).

Nesse sentido, devemos entender quanto pesquisadores, que o quadrinho traz um conjunto de imagens possíveis de interpretação por um grupo capaz de decodificar sua simbologia, e a partir disso propícios a apropriação, interpretação e mudança dos conteúdos proposto. Onde acaba existindo uma relação entre autor e leitor, onde o imaginário do leitor faz parte da leitura do quadrinho.

De acordo com Eisner “A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”. Ou seja, a análise que se faz das HQs é que viabilizam as próprias HQs como fonte histórica, tem que ter a análise, dessa forma, arte dos quadrinhos enquadra-se nos ditames e no repertório de interesses temáticos da abrangente História Cultural, pois possui uma rede enorme de entrelaces relacionado à cultura de um povo.

As histórias em quadrinhos narram, entre fantasias e ficções, os falares de seu tempo e lugar social. São, dessa forma, objetos-fontes. São vestígios de realidades e construções e construtores destas, exigindo do pesquisador esse cuidado, ao deparar-se com suas informações e as transmissões das mesmas. (LIMA, 2011).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Dando início ao entendimento de alguns conceitos a respeito da temática em questão, temos que hoje só é possível tratar os Quadrinhos como fontes históricas, devido a uma mudança na concepção deste conceito, nas primeiras décadas do século XX. Esta mudança a qual nos referimos, trata-se da alteração e ampliação deste conceito supracitado. Durante a chamada primeira geração da *Escola dos Annales*, seus principais historiadores defendiam a tese de ampliação total do conceito de fonte. Passado a ser reconhecido como fonte histórica todo o vestígio deixado pelo homem. Segundo essa concepção metodológica da História, os quadrinhos também podem ser utilizados como fonte histórica, afinal ele é fruto da construção do homem, deixando rastros muito marcantes sobre o seu contexto de criação, tendo como característica também câmbios entre teorias e métodos de múltiplas ciências. São produtos carregados de informações nas entrelinhas, exigindo-se ler muito além da semiótica, muito além da representação, muito além do superficial.

A difusão das HQs hoje é algo que o torna muito popular, porém por possuir uma linguagem sensível e adocicada pelo humor, muitas vezes, passa despercebido de todas as *Representações* feitas sobre sociedade. Desde discursos antiterroristas, anarquistas, comunistas até questões de igualdade sexual e racial, bem como temas envolvendo religião são facilmente encontrados nas animações de maneiras muito suave, com uma forma muito sutil de passar um recado sobre o que está realmente se propondo a dizer. É essencial, que se entenda que as histórias em quadrinhos não refletem e nem retratam nenhum período histórico, ela *Representa* o mesmo. Para Chartier: *Representações*:

Não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é efetivamente, o que dizem que é.
(CHARTIER, 2010).

Ou seja, por mais verossímil a obra em questão seja com a realidade, ela jamais será fiel ao fato acontecido. Além disso, esse tipo de *Representação* da sociedade nos permite dizer que as HQs nos transportam para outra realidade, que nos transmite a verdade que ele mesmo constrói.

Depois de tudo que fora citado acima, desde tratar Alan Moore não como um mero escritor de quadrinhos, mas como um intelectual, falar de sua obra V de Vingança que é objeto desse projeto, de falar um pouco de HQs como fonte e objeto histórico e depois de se debruçar de forma sucinta sobre o conceito de representações, que é o conceito que nos apoiamos, mostraremos agora um sessão de fotos demonstrando e comprovando que a influência dessa HQ e mais especificamente do personagem “V” saíram das páginas dos quadrinhos e foram para o mundo. As fotos pertencem todas a mesma fonte, então dessa forma, terá apenas abaixo das fotos onde é a manifestação para se ter uma noção de localização.



Manifestação no Egito.



Manifestação nos EUA.



Manifestação no Paraguai.



Manifestação em Portugal.



Manifestação na França.



Manifestação na Tailândia.



Manifestação no México.



Manifestação na Espanha.



Manifestação em Niterói – RJ.



Manifestação em Fortaleza – CE.



Manifestação em Recife.



Manifestação em São Paulo.

Todas as fotos podem ser acessadas em:

<http://noticias.uol.com.br/album/2013/06/25/mascara-do-v-de-vinganca-vira-simbolo-de-protestos.html>.

Depois da demonstração iconográfica, podemos dizer com segurança que a máscara já se tornou um símbolo mundialmente reconhecido de resistência popular. Como diz Kruger:

Atualmente, podemos observar seu elemento mais identificador, a máscara do personagem principal, V, que vem adquirindo uma significação singular, capaz de proporcionar a identificação de grandes multidões com um objetivo comum, a mudança. (KRUGER,2014).

O que Alan Moore coloca em jogo é o problema de como os seres humanos costumam racionalizar atrocidades em prol de um objetivo maior. O longo aparato de violência e perseguição, o racismo, a xenofobia, homofobia, preconceitos em geral, a limitação das liberdades civis, todos esses meios são relativizados pelo governo e seus muitos apoiadores em prol dos fins de unidade e supremacia buscados. Já do ponto de vista anarquista de V, se a perspectiva é que a justiça já perdeu seu caráter de imparcial e passou a servir apenas o ideário do governo, coloca-se o problema de como reverter essa situação.

Para finalizar, especificamente no Brasil, temos o grupo conhecido como Anonymous. O grupo existe aproximadamente desde 2003, mas vem ganhando forte repercussão na mídia mundial desde dezembro de 2010, quando em retaliação aos atos hostis no Brasil e no mundo.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARROS, José D'assunção. BLOG ESCRITA DA HISTÓRIA. **Fonte Histórica: O que é?** Disponível em: <http://escritadahistoria.blogspot.com/2011/01/fonte-historica->

CUNHA, Rodrigo Moraes, **História em quadrinhos: um olhar histórico**, São Paulo, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura no Tempo**. São Paulo: Autêntica, 2010.

CIRNE, M. (1982). **Uma Introdução Política aos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva. 5ª ed. 1993.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**, Martins Fontes, São Paulo. 2001.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMBRICH, E. H. **Introdução: Sobre Artes e Artistas**. In: A História da Arte. 16ª edição. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

JARCEN, René Gomes Rodrigues, **História das histórias em quadrinhos**, São Paulo, 2007.

KRAKHECKE, Carlos André. IN TESIS: **Representações da Guerra Fria na História em Quadrinhos Batman - O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

MILLIDGE S. Gary. **Alan Moore: Storyteller**. ILEX, 2011.

MELO, Rozana Machado Bandeira de, **A construção da história em quadrinhos: seu uso cultural na mídia impressa**, 2010.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2005.

MOORE, Alan. LLOYD, David. *V de Vingança*. São Paulo: Panini Comics, 2012.

MOORE, Alan. Ódio aos super heróis; Disponível em: <http://geekness.com.br/alan-moore-diz-que-odeia-super-herois/> Acesso em: 23:12.

RODRIGUES, M. **Representações políticas da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980.** Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

VIANA, Nildo. **Heróis e Super-Heróis No Mundo Dos Quadrinhos.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo, **A Concepção Materialista do Cinema.** Porto Alegre, Asterisco, 2009.

VIANA, Nildo. (2011). **Breve História dos Super-Heróis.** In: REBLIN, I. e VIANA, N. **Super-Heróis, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Idéias e Letras.

VIANA, Nildo, **Estado, Democracia e Cidadania. A Dinâmizada Política Institucional no Capitalismo.** Rio de Janeiro: Achiamé. 2003.

VIANA, Nildo, **Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos.** Rio de Janeiro, Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo, **O Capitalismo na Era da Acumulação Integral.** São Paulo: Idéias e Letras, 2009.

VIANA, Nildo, **O Que Dizem os Quadrinhos?** Sociologia, Ciência & Vida, v. 17, p. 53-62, 2008.

VIANA, Nildo, **Os Valores na Sociedade Moderna.** Brasília, Thesaurus, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Alan Moore: Biografia e Obra Comentada.** Disponível em: <<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/alan-moore-biografia-e-obra-comentada/>>. Acesso em: 16 de Set de 2016.

DOCUMENTÁRIOS:

MOORE, Alan. **The Mindscape of Alan Moore.** Shadowsnake Films. 2003.

SITES CONSULTADOS:

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1299052-v-de-vinganca-mascara-usada-em-protestos-foi-criada-em-quadrinhos-dos-anos-1980.shtml> - Acesso em: 20 de Ago de 2016.

<http://folhadiferenciada.blogspot.com.br/2013/12/alan-moore-o-homem-por-tras-da-mascara.html> Acesso em: 12 de Ago de 2016.

: <https://www.theguardian.com/books/2014/jan/21/superheroes-cultural-catastrophe-alan-moore-comics-watchmen> Acesso em 09 de Set de 2016.

<http://ozymandiasrealista.blogspot.com.br/2016/01/analise-colecao-alan-moore.html>
Acesso em: 05 de Out de 2016.

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjel8Po7_jPAhUMySYKHWASAIMQFggnMAE&url=http%3A%2F%2Fcultura.estadao.com.br%2Fnoticias%2Fgeral%2Cprimeira-historia-em-quadrinhos-no-brasil-completa-145 Acesso em 15 de Set de 2016.

Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida, nova edição – SERGIO VILAS-BOAS

www.sergiovilasboas.com.br Acesso em 15 de Set de 2016.

Uma breve história das Histórias em quadrinhos no Brasil – Literatortura
literatortura.com Publicado em 3 de dezembro de 2014 | por Horacio Langlois.